

**Apontamentos para estudo descritivo-comparativo da língua cabo-verdiana:  
sócio-história e língua**

**Notes for the descriptive-comparative study cape-verdian language: socio-  
history and language**

Ulisdete Rodrigues de Souza RODRIGUES (UnB)<sup>1</sup>

Ariana Gonçalves RODRIGUES (UnB)<sup>2</sup>

Bruno José Rodrigues GIL (UnB)<sup>3</sup>

Cláudio MONTEIRO (UnB)<sup>4</sup>

135

**RESUMO:** Este artigo trata-se de um estudo elementar que reúne elementos de natureza social, histórica e linguística do Cabo-Verdiano (CV). O objetivo geral é fornecer um panorama descritivo-comparativo da sócio-história e da estrutura de quatro das variedades dessa língua: Santiago, Fogo (Sotavento) e Santo Antão e São Vicente (Barlavento). Os objetivos específicos são: (i) rever a composição sócio-histórica dessas variedades insulares do CV e (ii) descrever e comparar aspectos fonético-fonológicos de tais variedades crioulas, nas quais, como nas demais línguas do mundo, é frequente o fenômeno da variação linguística. As referências básicas, entre outras, são Carreira (1972), Lang (1999), Veiga (1996) e Rodrigues (2007).

**PALAVRAS-CHAVE:** Contato Linguístico. Crioulo Cabo-verdiano. Fonética e Fonologia. Variação fonético-fonológica no Cabo-Verdiano.

**ABSTRACT:** This article is a elementary study that brings together elements of a social, historical and linguistic nature of Cape Verdean (CV). The general objective is to provide a descriptive-comparative overview of the socio-history and structure from four of the varieties of this language: Santiago, Fogo (Sotavento) and Santo Antão and São Vicente (Barlavento). The specific objectives are: (i) to review the socio-historical composition of these insular varieties of CV and (ii) to describe and compare phonetic-phonological aspects of these creole varieties, in which, as in

---

<sup>1</sup> Coordenadora do projeto de pesquisa ROTAS e grupo de pesquisa ALEA (UnB). ulisdete@gmail.com

<sup>2</sup> Integrante do projeto de pesquisa ROTAS e grupo de pesquisa ALEA (UnB). aryrodrigues1802@gmail.com

<sup>3</sup> Integrante do projeto de pesquisa ROTAS e grupo de pesquisa ALEA (UnB). brunojgil@hotmail.com

<sup>4</sup> Integrante do projeto de pesquisa ROTAS e grupo de pesquisa ALEA (UnB). claudiodjeu@hotmail.com

other languages of the world, the phenomenon of linguistic variation is frequent. The basic references, among others, are Carreira (1972), Lang (1999), Veiga (1996) and Rodrigues (2007).

**KEY WORDS:** Linguistic contact. Caboverdian Creole. Phonetics and phonology. Phonetic-phonological variation in Cape Verdean.

## **Apresentação**

Uma língua crioula resulta do contato intenso e, por vezes, extenso, entre povos multilíngues, e emerge como fruto efetivo dos confrontos, ajustes e consensos das situações de contato que lhe deram origem. O Crioulo Cabo-Verdiano (CCV) ou, simplesmente, Cabo-verdiano (CV), língua crioula de base lexical portuguesa falada no Arquipélago de Cabo Verde, é uma dessas línguas. Ele surge no contexto de contatos iniciais abruptos e eventos sequenciais graduais entre portugueses e africanos, em diferentes eras, etapas e localidades do arquipélago. Isso contribuiu para gerar uma língua composta por sistemas linguísticos variáveis, que, aqui, serão estudados em sua contraparte fonético-fonológica.

Assim, nos itens que se seguem, apresentam-se, em (1), a descrição sócio-histórica e, em (2), a descrição estrutural do Cabo-Verdiano, a partir do contraste entre suas variedades linguísticas mais representativas no cenário glotopolítico geral: Santiago e Fogo (Sotavento) e Santo Antão e São Vicente (Barlavento)

### **1. Descrição Socio-histórica do Cabo-Verdiano**

Localizado na Costa Oeste da África, o Arquipélago de Cabo Verde é composto por dois ilhéus – Branco e Raso – e por nove ilhas. Quatro delas no Sul – Santiago, Fogo, Maio e Brava – e cinco no norte – Santo Antão, São Nicolau, São Vicente, Sal e Santa Luzia (desabitada). Sua localização privilegiada no oceano Atlântico vai favorecer as ações e interações que se deram nos séculos das grandes descobertas. Aqui, essa composição sócio-histórica será revista para as ilhas de Santiago e Fogo (Sotavento), em 1.1, e para Santo Antão e São Vicente (Barlavento), em 1.2.

#### **1.1. Ilhas de Sotavento**

**Ilha de Santiago** — Em 1462, Portugal mandou povoar a Ilha de Santiago para integrar o Arquipélago Cabo Verde às suas estratégias comerciais. A ilha ficava próximo o suficiente do continente africano para os navios do Reino aportarem e distante o bastante dos Rios da Guiné para evitar ações ofensivas dos poderes africanos. Essa posição estratégica do Arquipélago no Atlântico favorecia os planos do Reino na Guiné ao mesmo tempo em que oferecia condições para a criação de uma sólida base de apoio e intercomunicação. Segundo registros anônimos (ANÓNIMO, 1784, p. 20), o povoamento de Santiago ficou a encargo D. Fernando, príncipe de Espanha e irmão do rei de Portugal.

Na parte sul do Arquipélago, a ilha de Santiago, capital da colônia de Cabo Verde, foi descoberta “habitada de muitos homens pretos, que por tradição se dizia ter procedido de um rei Jalof” (ANÓNIMO, 1784, p. 25). Para Carreira (1972), no entanto, esses jalofos integravam grupos pequenos que ancoraram na ilha por fatalidade, enquanto os números expressivos de jalofos, na realidade, teriam sido trazidos do Reino do Caio por Pero Vaz, em 1448, e chegaram após os portugueses.

Santiago é descrita como “a mais rica e dotada pela natureza”, e “está mais fronteira ao mesmo Cabo-Verde, em distância de 100 léguas” (ANÓNIMO, 1784, p. 22). Na sua sede, Ribeira Grande, concentram-se muitos dos fatos que repercutirão nas ilhas do sul e do norte. Entre elas, a ilha vizinha chamada de Fogo por causa de “um pico de grande altura para a parte leste, que dizem terá, pela linha imaginária, uma légua até o cume, de onde saía um grande Vulcano” (ANÓNIMO, 1748, p. 29).

Para povoar Santiago, Verlinden (1963, p. 33) conta que Noli trouxe três barcos italianos maiores que as caravelas portuguesas, nas quais, conforme Carreira (1972, p. 21) vieram “portugueses do Alentejo e do Algarve e, provavelmente, de outras áreas do país, talvez, mesmo do norte, todos em número reduzido”. Mendes Corrêa (1954, p. 25) acresce “fidalgos de Portugal, genoveses e espanhóis ou seus descendentes e alguns flamengos, (...) criados e outros trabalhadores como artífices e trabalhadores braçais”.

Carreira (1983, p. 54) diz que o Reino enviou “portugueses, genoveses, sevillhanos, castelhanos e outros” para Santiago e Fogo. Mendes Corrêa (1954, p. 139) destaca a presença de judeus e degredados: “judeus, mouros, mais cedo ou mais tarde; em número maior ou menor, espanhóis, holandeses, ingleses, franceses, indianos”. Para povoamento dessas duas ilhas de Sotavento, em 1461, chegaram alguns casais do Algarve com os primeiros donatários.

Mas, na explicação de Lopes de Lima (1844 *apud* Ribeiro, s/d, p. 38), por causa da distância e das dificuldades impostas pelo clima e pelo solo das ilhas, o infante D. Fernando precisou solicitar ao rei de Portugal “liberdades e franquezas” para os colonos. Diante disso, o Reino promulgou a Carta de Privilégios de 1466, documento que autorizava aos portugueses instalados em Santiago o resgate de escravos na Guiné para o povoamento.

Dessa forma, Noli, Diniz Eannes e Ayres Tinoco resgataram “grande número de escravos para o arroteamento das terras” (CARREIRA, 1972, p. 21). Dentre eles, conforme Tenreiro (1956), africanos “das etnias Felupe, Jalofo, Balanta, Papel e Bijagó, provenientes de grupos da Costa da Guiné, aproximadamente a margem sul do Senegal ao Rio Orange, no limite de Serra Leoa”, e também fulas e sudaneses (RIBEIRO, s/d, p. 37).

Aos poucos, a captura violenta de escravos ou assaltos começava a ser substituída pela tática dos tratos de comum acordo entre as partes, europeus e régulos africanos, para que o quantitativo de escravos fosse aumentado sem o empreendimento de maiores esforços pelos europeus. Os escravos passaram a ser negociados com os régulos de cada região por meio de compra direta, comércio mudo ou permuta por mercadorias de necessidade ou preferência.

Muitos escravos foram trazidos da Guiné para trabalharem na cultura do algodão do Fogo, que produziria uma panaria bem cotada nos tratos e resgates da costa africana. Todavia, entre os povoadores de Santiago e Fogo não se encontram apenas escravos, mas também seguiam com negociantes e capitães de navios africanos livres, como “banhuns, cassangas e buramos, os quais por a continuação e comunicação que têm com os nossos portugueses, são mui ladinos e falam muitos a língua portuguesa (...) indo-se fazer cristãos a ilha de Santiago” (BRASIO, 1600 *apud* CARREIRA, 1972, p. 310)

Gradativamente, foi acontecendo a migração de moradores da Ribeira Grande e “muitos negros cativos” para a ilha do Fogo (AMARAL, 1964, p. 35), ao mesmo tempo em que alguns escravos eram enviados para cuidarem de animais e culturas nas outras ilhas. Iniciava-se, assim, o “movimento silencioso, não captado pelas fontes oficiais” do povoamento das outras ilhas do Arquipélago, em especial as de Barlavento (MENDES CORRÊA, 1954, p. 130).

Em 1476, Santiago é atacada pelo Reino de Espanha, e o donatário António de Noli alia-se à Espanha. Ele só volta a ser vassalo do reino português, quando

Portugal e Espanha concluem o Tratado das Alcáçovas, em 1479. Por esse tratado, a Espanha reconhecia o direito de Portugal sobre a Guiné e Cabo Verde (VERLINDEN, 1963, p. 44).

Nesse meio tempo, de acordo com Carreira (1972, p. 108), a produção e o comércio de Santiago haviam progredido. Os recursos da ilha concentravam-se no cultivo de cereais, criação de gado, apanha da urzela, sal e chacina das cabras. No Fogo, o milho era para subsistência e o algodão, para comércio. O Arquipélago havia se tornado o principal fornecedor de gado para a costa da Guiné no comércio com grupos de “Jalofos, Mandingas e Fulas”.

Em Santiago, a primeira paróquia de Ribeira Grande foi fundada em 1462. Os sacerdotes foram mandados à Ilha pelo infante D. Fernando, em 1466, para converter os africanos que estavam sendo resgatados pelos europeus (MENDES CORRÊA, 1954, p. 129). Em Fogo, de acordo com Ribeiro (s/d, p. 15), existiam “clérigos e cónegos tão negros como azeviche, que faziam inveja pelo seu saber e compostura, aos das nossas catedrais”.

Em 1533, foi criada a Diocese de Santiago. Os sacerdotes eram os responsáveis pela ladinização dos escravos e, conseqüentemente, em alguma medida, por parte da transformação das línguas em contato. O processo de ladinização, em si, compreendia o ensino do Português e o de um ofício aos escravos e só terminava quando eles conseguissem comunicar-se por um pidgin de base portuguesa ou aprendessem ofício de carpinteiro, ferreiro entre outros.

Os padres e assistentes cuidavam do batismo, da catequização e do ensino do português. Carreira (1977, p. 27) destaca que o ensino de ofícios manuais, encarregavam-se “os brancos artesãos, muitos deles degredados”. Os escravos ladinos, ou seja, treinados em algum ofício e rudimentos da Língua Portuguesa, tinham alta cotação, enquanto era baixa a cotação dos escravos boçais, aqueles sem aprendizado algum. Era certo que os escravos deveriam ser ladinizados no entreposto de Santiago antes de serem levados para Portugal, Madeira, Canárias, Sevilha, Cádiz, Antuérpia e Índias de Castela, em especial as Antilhas.

Nas ilhas de Santiago e Fogo, a mestiçagem foi desencadeada cedo, devido à “escassez de moradores e a forma ampla com que se planeia o povoamento” (TENREIRO, 1956, p. 9). Em 1513, havia 162 habitantes na Ribeira Grande, sendo “58 brancos moradores, 56 naturais de Portugal, 12 padres, 4 mulheres brancas solteiras, 16 negros e negras” (CARREIRA, 1977, p. 26). No Fogo, o número de

mulheres europeias era diminuto e esse foi um dos motivos da miscigenação entre europeus e escravas nessa e noutras ilhas.

Em Cabo Verde, Andrade (s/d, p. 44) confirma que a “miscigenação do sangue, da língua e da Cultura teria também a contribuição de espanhóis, franceses (normandos e bretões), ingleses, holandeses e outros”. Daí que, no cômputo geral, como conta Feijó (*apud* CARREIRA, 1972, p. 64), resultaram as três castas que existentes nas ilhas: “brancos (...) pretos (...) mulatos (...) esta última casta aumentou muito quando começaram no século XVI a ser mandados (...) degredados (...) não descontinuando nunca a introdução da escravaria na costa”.

Em 1512, o entreposto foi deslocado para Lisboa, mas Santiago continuava a ser escala de navios vindos da Guiné. E, de 1510 a 1513, Santiago, Fogo e Maio foram concedidas a um só arrendatário. Em 1528, a Ilha do Fogo foi doada ao Conde de Penela, e, em 1532, foi nomeado um Feitor dos tratos dos algodões. Toda a produção dessa ilha era permutada por escravos e outros itens na faixa costeira da Guiné; sua panaria transformou-se em moeda corrente entre a Guiné e outros territórios estrangeiros.

No século XVI, a capital da província, Ribeira Grande, havia prosperado e começava a despontar a Vila de Nossa Senhora da Praia, atual capital de Cabo Verde. De 1530 a 1549, a entrada de escravos em Santiago manteve-se regular, apesar da exigência de que os escravos fossem levados a Lisboa. Os colonos de Santiago descendiam dos primeiros donatários, sesmeiros e escravos, e alguns migraram para o Fogo, onde os moradores passavam a proprietários da terra gradualmente (cf. SILVA REGO, 1966, p. 18).

**Ilha do Fogo** – Em 1490, a Ilha do Fogo foi doada a Diogo Afonso, que levou somente animais e escravos para lá. Para Andrade (s/d, p. 47), “provavelmente foi a segunda a ser povoada, antes do fim do século XV”. Outros autores, no entanto, argumentam que a primeira notícia sobre Fogo é dada apenas em 1503, quando são arrendados seus direitos juntamente com Santiago. Essa ligação entre as duas ilhas, fez com muitos estudiosos afirmassem que a história de Fogo se desenvolveu às sombras de Santiago.

Entre os primeiros povoadores da Ilha do Fogo, cuja capital foi estabelecida em São Filipe, Ribeiro (s/d, p. 37) destaca “reinóis portugueses (...) seus servos, trabalhadores humildes e escravos negros, recrutados entre as populações do litoral da Guiné (...) estrangeiros, menos do que nas atlântidas” por causa das dificuldades

impostas pelo clima árido do arquipélago. De acordo com Andrade (s/d, p. 47), esses estrangeiros eram os servos brancos de D. Fernando e seus escravos.

De 1574 a 1580, Santiago, Fogo em conjunto com toda a Guiné foram arrendadas a dois portugueses. Carreira (1977, p. 27) relata que, em 1582, havia em Santiago 11.700 escravos e, no Fogo, havia 2.000. Eram 1.608 habitantes residentes brancos e pardos (mestiços) livres e 400 forros, casados. Os escravos representavam 87,3% da população num total de 13.700, dos quais 4.500 eram convertidos e 2.000 instruídos com esse fim.

Nessa época, o algodão de Fogo continuava a ser usado nos tratos da Costa da Guiné e do Rio São Domingos. No entanto, longos períodos de estiagem geraram crises de fome no Arquipélago. Nas crises de 1580 a 1583 e de 1590 a 1594, muitos grupos de africanos e mestiços naturais da terra, os chamados “pretos da terra”, saíram de Santiago e Fogo para a Guiné. Esse período de fome coincidiu com o início da dominação espanhola, que duraria de 1580 a 1640, sobre Portugal e Cabo Verde.

Os primeiros casos de alforria no Arquipélago são registrados a partir de 1580. Inicialmente, consoante Carreira (1972, p. 369), a alforria era concedida aos escravos dos mouros e dos gentios que, doutrinados e ensinados na fé, tendo perseverado até serem batizados, deveriam ser avaliados por um preço considerado favorável à sua liberdade. Eles deveriam ser libertados caso não fossem vendidos três meses após o batismo.

No início do século XVII, em Santiago, Fogo e outras ilhas, os senhores alforriavam os escravos quando estavam à beira da morte para obter a graça da expiação dos seus pecados. Esses escravos libertos iriam contribuir também para o povoamento das outras ilhas ocupadas apenas por escravos anteriormente. Dentre essas outras ilhas, encontram-se Santo Antão e São Vicente, ilhas de Barlavento, região norte do Arquipélago.

### **1.1. Ilhas de Barlavento**

**Ilha de Santo Antão** — A Ilha de Santo Antão, segundo o Anónimo (1784, p. 34), estava “em distância de 48 léguas da ilha de Santiago. Inacessível por toda parte por causa dos rochedos, tem de ir por serras a pique, por cima do mar”. Próximo a essa, a Ilha de São Vicente era uma das ilhas chamadas “Desertas” juntamente com Sal e Santa Luzia. Pelo Anónimo (1784, p. 36), a Ilha de Santo

Antão era a maior, “quase toda árida, não produz mantimento, algodão e urzela (...) tem um Porto que é o melhor de todas estas partes; é uma grande baía abrigada de todo o vento”.

Para Santo Antão, conforme Lopes de Lima (1877 *apud* FERRO, 1998, p. 19), não foram enviados povoadores logo após a descoberta, e a ilha “ainda mais por meio século se conservou despovoada”. Em 1538 ou 1548, Santo Antão foi doada a João de Souza. Esse donatário e seus colonos foram liberados para resgatar na Guiné, isentos do pagamento de tributos ao Reino como uma forma de incentivo ao povoamento.

A Ilha de Santo Antão começa, então, a ser povoada no início do século XVI, quase meio século depois das Ilhas de Sotavento. Silva Rego (1966, p. 11) refere-se ao fato de o povoamento dessa ilha ter começado com escravos, antes de 1548, e que havia na ilha “gado sendo explorado industrialmente para carne, peles e sebo.” Ainda em 1606, o Padre Barreira (1606 *apud* FERRO, 1998, p. 21) reforçou em seus escritos que, em Santo Antão, São Nicolau, Boa Vista, não havia “mais do que gado”.

Em 1724, o donatário de Santo Antão, Marquês de Gouveia, vende a ilha aos ingleses, e a população só toma conhecimento do ocorrido quando um navio inglês aporta na ilha e deixa um intendente. Tempos depois, casais ingleses chegam para ocupar a ilha. Quase meio século, os ingleses foram expulsos, e D. João IV, monarca de Portugal resolveu, então, ordenar o povoamento da ilha por portugueses e por espanhóis vindos das canárias.

Em Santo Antão, desde o início, houve grande miscigenação. Em 1731, essa era a segunda ilha mais populosa do Arquipélago com 4.302 habitantes. Desse total, eram 10 brancos, 1.746 mulatos, 1.900 forros e 646 escravos (FERRO, 1998, p. 20). E essa população mestiça sofreu com fomes e epidemias. Nas crises de 1741 a 1742 e de 1773 a 1775, mesmo com a intervenção da Companhia do Grão Pará e Maranhão, criada na segunda metade desse século XVIII em Portugal, houve 5.000 vítimas na ilha até meados de 1774.

A alforria em Santo Antão começou, em 1759, com a libertação dos 1.096 escravos do Duque de Aveiros que havia sido executado em Belém, após atentado contra D. José, rei de Portugal. Lopes de Lima (1877 *apud* Ferro, 1998, p. 20) assegura que a ilha foi devolvida para a Coroa “toda povoada d’escravos, que os seus ricos donatários ali tinham introduzido da Guiné, e com os quais a tinham unicamente colonizado, sem admitirem casaes Europeus”.



Em, 1801, na Ilha de Santo Antão, as terras da Ribeira da Torre e outros lugares foram distribuídas aos habitantes como “bens de raiz” (cf. ROCHA, 1990, p. 93). Entretanto, essa alegria que foi ofuscada pela longa estiagem que culminou numa crise de fome de 1804 a 1806. De 1824 a 1826, a crise foi amenizada com os rendimentos da urzela à revelia do Reino.

De 1823 a 1826, a Fome do Pai Thomaz em Santo Antão refletiu em São Vicente. De 1831 a 1833, a fome reduziu a população de Santo Antão. Mas, passada essa fase, em 1836 e 1850, são criadas as primeiras escolas primárias da ilha com ensino ao encargo dos padres (CARREIRA, 1972, p. 442).

O povoamento das ilhas de Barlavento deveu-se à necessidade de produzir mercadorias para o comércio em geral e para o tráfico no Arquipélago. Silva Rego (1966, p. 40) descreve que, antes que os moradores de outras ilhas e as autoridades responsáveis se decidissem por uma colonização efetiva, se passou algum tempo enviando para as ilhas do norte do Arquipélago apenas escravos, “gente sem importância social”. Por esse motivo, o que se dizia das ilhas de Barlavento é que eram “povoadas de cabras e não de gentes”.

**Ilha de São Vicente** — Antes dos séculos XVII e XVIII, os vizinhos de Santo Antão e São Nicolau levavam o gado para São Vicente, que, por esse motivo, era conhecida como uma das “Ilhas-Montado”. Eles apanhavam urzela, recolhiam âmbar e animais marinhos na ilha. Livres ou escravos, os moradores eram parceiros de caçadores clandestinos que faziam chacinhas de gados nas ilhas e comercializam carnes e couro com diversas partes do continente. Eles também eram cúmplices de estrangeiros que, às vezes, reparavam as forças ou construía, ali, suas embarcações.

A ilha de São Vicente, como informado pelo piloto anônimo de 1784, possuía um porto natural chamado Porto Grande. Era conhecida pelos navegadores como “La garganta”, e, por isso mesmo, serviu de entreposto clandestino à navegação continental. Segundo Correia e Silva (2000, pp. 22; 32), nos finais do século XVII, “baleeiros americanos, comerciantes ingleses, piratas de diversas proveniências escalam São Vicente e recobram as forças”. No século XVII, é mandado “um sindicante (...) para coibir a clandestinidade entre estrangeiros e nacionais.

Em 1781, o Reino determinou que a Ilha de São Vicente fosse povoada, e propôs aos insulanos isenção de impostos por dez anos. Todavia, os moradores de Santiago e de Fogo não se animaram. Em 1793, no entanto, um português residente

no Fogo propôs levar 20 casais livres e 50 escravos para a Ilha (CORREIA E SILVA, 2000, p. 37). O acordo foi fechado em 1795, mas o Reino insistia que o povoamento fosse feito não só por insulares, mas também por casais de Portugal e dos Açores.

A partir de 1785, a falta de chuvas instala a crise de 1790 em todas as ilhas. Em 1791, morreram mais de 8.000 pessoas no Arquipélago. Alguns anos depois, em 1797, foram instalados em São Vicente os primeiros colonos vindos do Fogo. Houve um período de muitas chuvas, naquele ano, o que estimulou os insulares a começarem o povoamento da ilha.

Em 1821, o governador trouxe 298 pessoas de Santo Antão para residirem em frente ao Porto Grande em São Vicente. Agora, camponeses sem-terra, degredados insulares e recém-chegados, podiam ir para a ilha. Nessa altura, conforme Correia e Silva (2000, pp. 50-53), a maior parte dos moradores era oriunda “de Santo Antão e não descendente dos fogueiros”. Ainda assim, o povoamento de São Vicente não progredia. Segundo Correia e Silva (2000, p. 48), “desde 1813, vegeta uma população diminuta (...) aventureiros, pastores de rebanhos alheios, prostitutas e degredados.”

Do final do século XVIII até o século XIX, os americanos foram grandes parceiros comerciais de Cabo Verde (cf. Correia e Silva, 2000, pp. 40-43). Entre 1812 e 1814, no entanto, com a guerra entre americanos e ingleses, São Vicente perdeu o comércio de peles, gado, sal e pescado. Todavia, com a oferta de isenção de direitos para investimentos aos estrangeiros, Portugal garantiu que, em 1838, fosse instalado em São Vicente o primeiro armazém pelo Capitão John Lewis para abastecer a British East Indian.

Essa concessão de direitos, contudo, aplicou-se somente à Inglaterra, país que, por volta de 1836, havia se aliado a Portugal em torno da abolição da escravatura, o que, de fato, só veio a acontecer definitivamente no Arquipélago por volta de 1876/8. Foi por meio dessa concessão que a companhia inglesa Royal Mail Steam Packet construiu seus armazéns na capital da ilha de São Vicente, Mindelo, para abastecer os navios no trajeto Inglaterra-Brasil.

E, assim, de 1850 a 1860, acontece o chamado “povoamento significativo” de São Vicente, incentivado pelo Cônsul inglês John Rendall e seus armazéns de carvão em frente ao Porto Grande do Mindelo. Em 1851, foram criadas as comarcas de Sotavento e Barlavento. De 1851 a 1896, fundaram-se outras companhias carvoeiras. A revolução trazida pelos vapores ingleses atraiu ondas migratórias para São Vicente. Nessa altura, caracterizado por falares ou variedades insulares do sul e

do norte, o Cabo-verdiano estava consolidado nas ilhas.

## 2. Descrição Estrutural do Cabo-Verdiano

Esse item contempla a descrição linguística ou estrutural do Cabo-verdiano, mais especificamente sua composição consonantal e vocálica. Com essa finalidade, em 2.1., são apresentados os quadros fonético-fonológicos das consoantes e das vogais de Santiago e Fogo e Santo Antão e São Vicente. Na sequência, são tecidos comentários sobre esses quadros. Em 2.2., são apresentados quadros e respectivos comentários sobre as variações consonantal e vocálica entre as ilhas em destaque.

### 2.1. Quadros Fonético-Fonológicos das Consoantes e Vogais

Quadro 1a – Quadro Fonético das Consoantes das Ilhas de Santiago e Fogo

MODO DE ARTICULAÇÃO		PONTO DE ARTICULAÇÃO						
		Bilabial	Labio Dental	Dental	Alveolar	Palatal	Alveopalatal	Velar
Oclusivas	surda	p		t				k
	sonora	b		d				g
Fricativas	surda		f		s	Σ		
	sonora		v		z	Z		
Africadas	surda						tΣ	
	sonora						dZ	
Nasal		m		n		ʝ		N
Líquidas	Lateral				l	x		
	Vibrantes	Simples			ʀ			
		Múltipla				ɾ		

Fonte: RODRIGUES, 2007, p. 144

Quadro 1b– Quadro Fonético das Consoantes das Ilhas de Santo Antão e São Vicente

MODO DE ARTICULAÇÃO		PONTO DE ARTICULAÇÃO							
		Bilabial	Labiodental	Dental	Alveolar	Palatal	Alveop.	Velar	Uvular
Oclusivas	surda	p		t				k	
	sonora	b		d				g	
Fricativas	surda		f		s	Σ			
	sonora		v		z	Z			
Africadas	surda						tΣ		
	sonora						dZ		
Nasal		m		n		ʝ		N	
Líquidas	Lateral				l	x			
	Vibrante					ʀ			R

Fonte: RODRIGUES, 2007, p. 145

No quadro fonético em (1a), encontram-se registrados vinte e dois (22) fones para Sotavento. Isso se deve à inserção da vibrante múltipla /r/ e da nasal velar /N/. As vibrantes simples e múltipla são frequentes em Santiago e Fogo. À primeira vista, elas parece terem-se fundido numa vibrante mista entre /r/ e /P/, mas Lopes da Silva (1984, p. 105) ressalta que o que há é alternância entre ambas, sendo característico de Santiago a ocorrência do “r vibrante múltiplo substituído pelo simples, e, inversamente, o vibrante simples pelo múltiplo, quando em posição intervocálica”, como *téra* para terra (terra).

Nos dados da ilha de Santiago e Fogo, registraram-se as formas *bariga* (barriga), *buru* (burro) e *karu/karu* (carro/caro). Sobre a alternância entre a vibrante simples /P / pela vibrante múltipla /r/, o autor em foco diz que ocorre em Fogo, raramente. Ele exemplifica com *moru* (morro) e *karapáti* (carrapato). Deste modo, não com base nos dados coletados, mas embasando-se na literatura que destaca a menor regularidade – ocorrer em menos contextos e com menos frequência–, considerou-se a vibrante simples /P/ como fonema e a múltipla [r] como alofone desta em alguns contextos de Santiago e Fogo.

Para Veiga (1996, p. 51), a nasal velar [N] “tem pouco rendimento funcional em crioulo”. Porém, na forma da primeira pessoa do singular (N= eu), essa nasal é geral em todo o Arquipélago. No Cabo-verdiano, conforme Macedo (1979, p. 129): “uma consoante nasal incorpora as traços da consoante que precede.” Devido a essa dependência contextual, essa velar será considerada variante de /n/ e /m/ em Santiago e Fogo, estando em formas cristalizadas como *sin* [siN] e *tambén* [tãbeN].

Em (1b), registram-se vinte e dois (22) fones para Barlavento, devido ao acréscimo da vibrante uvular [R] e da nasal velar [N]. Em Santo Antão e São Vicente, a vibrante uvular [R] é um traço característico. Ela é mais frequente do que a vibrante simples (a vibrante múltipla quase nem aparece). Em posição inicial, apenas a vibrante uvular é realizada, como em *rót* (rato), *roxpet/respét* (respeito). Na posição medial e final, realizam-se distintivamente, como em *kór* e *kórr* (caro, carro).

Em suma, em Santo Antão e São Vicente, as vibrantes uvular e simples são distintas no meio e no fim de palavras. Lopes da Silva (1984, p. 139) acrescenta que o “R mantém-se uvular [R] ou alveolar [P ] nas ilhas”, e que a variante alveolar é mais “corrente em Sotavento, mas também se encontra em Barlavento, ao lado do r

uvular. Sucede mesmo coexistirem os dois tipos de r entre diferentes membros da mesma família. O r uvular é quase de regra na ilha de Santo Antão...”.

A ocorrência da nasal velar /N/ é menos frequente em Barlavento do que em Sotavento no final de palavras. Nessa posição, pairam dúvidas entre a ocorrência desse segmento e um “vazio fonético”, como em [algeN] e [alge0] (alguém). Sua ocorrência certa consta em vocábulos como *yaN* (sim), interjeição muito utilizada.

Descritos os segmentos consonantais e alternâncias entre eles, passa-se à exposição dos fonemas vocálicos do CV em geral no quadros (2a) e (2b) a seguir:

Quadro 2a – Quadro Fonético das Vogais das Ilhas de Santiago e Fogo

ALTURA DA LÍNGUA	POSIÇÃO DA LÍNGUA		
	Anterior	Central	Posterior
Alta	j		ɰ
	i		ɯ
Médias	e		o
	ɛ		ɔ
		↔	
Baixa		a	

Fonte: RODRIGUES, 2007, p. 150

Quadro 2b – Quadro Fonético das Vogais das Ilhas de Santo Antão e São Vicente

ALTURA DA LÍNGUA	POSIÇÃO DA LÍNGUA		
	Anterior	Central	Posterior
Alta	j		ɰ
	i		ɯ
Média	e		o
	ɛ		ɔ
		↔	
Baixa		a	

Fonte: RODRIGUES, 2007, p. 151

Para Santiago e Fogo, listaram-se 10 fones por causa das semivogais [j] e [w]. Como se tratou das semivogais em (1), desta feita, abordam-se peculiaridades de Santiago e Fogo, como a alternância entre as vogais central baixa [a] e central média [↔], como em kal~k↔l (qual). Em Sotavento, no contexto tônico, a ocorrência de [a] parece mais frequente. Mas, somente por um grau na altura, torna-se difícil diferenciá-las, a não ser pela posição que ocupam nos vocábulos. Em posição átona, identifica-se mais facilmente a ocorrência de [↔]. Assim, em Santiago e Fogo, considera-se /a, ↔/ fonemas distintos na posição tônica e alofones, na átona.

Para as ilhas de Santo Antão e de São Vicente, listaram-se 10 fones com o acréscimo das semivogais [j] e [w]. Dedicou-se, aqui, ao tratamento dos traços peculiares dessas ilhas, posto que as semivogais já estiveram em pauta. Em Santo Antão e São Vicente, a vogal central média /↔/ parece mais frequente (mais aparente) do que a baixa /a/. Fica-se na dúvida se a prolação foi a da média ou a da central baixa. Dessa maneira, em Santo Antão e São Vicente, as vogais [a, ↔] podem ser consideradas fonemas e alofones livres de /a/ e de /↔/, nas posições tônicas e átonas.

## 2.2. Alternâncias consonantais e vocálicas entre as ilhas

A variação linguística, como nas demais línguas do mundo, é uma constante entre as ilhas cabo-verdianas. Inicialmente, para tratar desse fato, no quadro 3, expõem-se vocábulos<sup>5</sup> com fonemas consonantais das ilhas de Santiago e Fogo (Sotavento) e Santo Antão e São Vicente (Barlavento):

<sup>5</sup> Na escrita do Cabo-verdiano será utilizado o **ALUPEC**— Alfabeto Unificado para Escrita do Crioulo (Cf. Veiga, 1996, p. 42)

Quadro 3 – Quadro dos vocábulos com fonemas consonantais das ilhas de Santiago, Fogo, Santo Antão e São Vicente

FON.	SANTIAGO	FOGO	SANTO ANTÃO	SÃO VICENTE
/p/	ténpu (tempo)	poku (pouco)	pilód (pilado)	prop (próprio)
/b/	batuku (bataque)	baka (vaca)	sáb (saboroso)	kób (cabo, canto)
/t/	ténpra (temperar)	téra (terra)	partera (parteira)	féxta (festa)
/d/	dentu (dentro)	dinheru (dinheiro)	kaxkód (fixo)	dzé (dizer, falar)
/k/	katupa (prato típico)	kabra (cabra)	kápsa (cápsula)	rekód (recado)
/g/	genti (gente)	sangi (sangue)	gotxad (escondido)	gelinha (galinha)

<sup>5</sup> Na escrita do Cabo-verdiano será utilizado o ALUPEC— Alfabeto Unificado para Escrita do Crioulo (Cf. Veiga, 1996, p. 42)

Fonte: RODRIGUES, 2007, p. 146

No terreno das **oclusivas /p, b, t, d, k, g/** — em Santiago e Fogo, há casos de alternância entre /b/ e [g] como *dugudja* (debulhar) e *gorgoléta* (borboleta). Em Santo Antão e São Vicente, a labial /b/ alterna com [p] em *bstid~pstid* [~vstid] (vestido). No campo das dentais, com exceção de Santiago, há alternância em todas as ilhas entre /d/ e [t], como *tspois~txpox* (depois), *tkaí* (decair). Em Sotavento, /d/ e [P] alternam em *sábadu~sabru* (sábado). Nos dados, registraram-se *rabida~ravira* (revidar, revirar) para Sotavento e *rabidã~ruvrá* (revirar) para Barlavento. Para Lopes da Silva (1984, p. 105), “dadas as relações entre o d e o r vibrante simples [alveolares, sonoras]... não admira que nas ilhas do Fogo e de Santiago se encontrem alguns vocábulos em que o r foi substituído por d”. Em Fogo, ele cita *dispadise* (espairecer) e *karéda* (carreira). Em Santiago, *rosadi* (rosário), *bida* (virar). Entre as velares /g/ e [k], registraram-se em Santiago e Santo Antão: *gafanhotu~kafanhotu* (gafanhoto) e *gud~kut* (agudo).

No ambiente das **fricativas /f, v, s, z, Σ, Z/ e africadas /tΣ, dZ/** — em todo o Arquipélago, as labiodentais /v/ e [b] alternam em formas como *bes~ves* (vez), *vstid~bstid*, *bida~vida*. Entre as alveolares /s/ e [z], ocorre neutralização, em todas as ilhas, no contexto de “vogal aberta + s e no contexto pré-consonantal com consoante sonora”, como em *mas~maz* e *mezma~mesma* (mesma).<sup>6</sup> Lopes da Silva (1984, p. 106-107) descreve que no Arquipélago, “o s tem o valor de s antes de consoante surda, e de z antes de consoante branda.” Somente em Santo Antão e São Vicente, têm “o valor” de /Σ/ e /Z/, respectivamente. Em Barlavento, a fricativa alveolar /s/ alterna com a palatal [Σ] em posição inicial em *skóla~xkóla* (escola). Nas ilhas, há troca entre /s/ e [Σ] como em *xinta~xintâ* (sentar), *manxi~manxê* (amanhecer). Em

<sup>6</sup> Nesse particular, concorda-se com Veiga (1982, p. 38) de que essa é uma “configuração difícil de ser identificada”.

Santiago, há a troca característica entre /s/ e [z], como em *fasi* (fazer) e *kasa* (casa). Nessa ilha e em Fogo, /s/ alterna com [z], como em *franzidu~ franjidu* (franzido) e *rezistu~ rejistu* (registro). Em todas as ilhas, ocorre alternância /s/ ~ [j] em formas do tipo: *dipos ~ dipoj* (depois). Diferentemente das demais ilhas, em Santiago, a fricativa palatal /Z/ realiza-se como [g]: *jenti = genti* e alterna-se em Fogo. Em Santiago e Santo Antão, /Z/ alterna-se [dZ]: *djogu~ jogu* (jogo) e *kándja~kánja* (canja). Nas quatro ilhas, /Z/ alterna com [Σ]: *greja ~ grexa* (igreja), *biaji ~ biaxi* (viagem), *sux~xux* (sujo), *xenti ~jenti* (gente). A alternância entre e /Z/ e [d] é mais frequente em Santiago: *juelhu~djuedju~duedju* (joelho). Em Santiago e Fogo, a africada alveopalatal alterna com a fricativa palatal /Σ/ em *txuma~txoma~txumá~txomá* (chamar), *txuba~txuva* (chuva), etc. Em Santo Antão e São Vicente, a africada palatal típica de Sotavento /dZ/ alterna com [j] em *badju~baj* (baile) e *odjá~ojá~oá* (olhar).

No contexto das **líquidas** /l, x, P/ — A rotacização de /l/ em [P] ocorre em todas as ilhas, mas é característica de Fogo. Em todo Arquipélago, a palatal /x/ alterna com [δZ]: *fólha~ fódja ~fója* (folha), *fidju~filhu ~ filju~fii* (filho). Em Barlavento, o /x/ não alterna com [dZ], como é comum em Sotavento. A yodização do /x/ e do /l/ em [j] é comum: *trabólh~trabói* (trabalho), *fidj~fi~fi* (filho). Em nenhuma ilha, registrou-se alternância ou vocalização do /l/ em [w]. No terreno das **Vibrantes**, as alternâncias mais evidentes foram comentadas depois de (1a) e (1b). Todavia, para Santiago e Fogo, citam-se ocorrências entre a vibrante simples /P/ e a lateral [l] e a semivogal [j], como em *letratu* (retrato) e *katxol~katxoi* (cachorro).

No âmbito das **nasais** /l/, n, N/ — Em todas as ilhas, a nasal palatal /l/ e a alveolar [n] alternam-se, como em *konxi~konxê* (conhecer) e *manxi~manxê* (amanhecer); e a bilabial /m/ com a dental /n/ em *kunsá~kumsá* (começar). A alternância de [N] com a alveolar /n/ não é frequente no Cabo-verdiano. Nos dados coletados, identificou-se casos dessa configuração, quando a palavra consituía frase sozinha ou estava no final de uma frase completa. Os exemplos são: *algen~algeN~alge* (alguém), *tem~teN* (tem), *sin~siN~sí* (sim), *yan~yaN~yá* (sim).

Neste ponto, aproveita-se para destacar entradas recentes e eruditas que não têm sido alteradas ou alternadas como de costume no Cabo-verdiano registrados em campo (i), e casos citados literatura (ii). No âmbito de (i), não têm havido substituição das fricativas /Σ/ e /Z/ pelas africadas /tΣ/ e /dZ/, respectivamente, em vocábulos como



*lixu* e *lix* (lixo) e *jaru* e *jórr* (jarro), nos dois grupos de ilhas. Em formas de entrada recente como *tilivizon* ~ *tilivizãu* (televisão), o fonema /v/ não se alterna com [b] nas ilhas. Em Sotavento, há casos como o de *izami*~ *inzami*~*izam* (exame) em que o /z/

Quadro 4 – Quadro dos vocábulos com fonemas vocálicos das Ilhas de Santiago, Fogo, Santo Antão e São Vicente

FON.	SANTIAGO	FOGO	SANTO ANTÃO	SÃO VICENTE
/a/	abri (abrir)	arvi (árvore)	sidad (cidade)	sap (sapo)
/↔/	odia (olhar)	mensa (mesa)	panéla (panela)	bera (beira)
e/	dedu (dedu)	leiti (leite)	pedoron (pedrona)	kodê (caçula)
/E/	orêla (auréola)	époka (época)	farêl (farelo)	mênux (menos)
/o/	xoroteru (erva típica)	otu (outro)	onZ (onze)	nov (novo)
/□/	bôdi (bode)	pôdi (pode)	kônd (quando)	tônt (tanto)
/i/	inda (ainda)	bila (vila)	flisidad (felicidade)	ligria (alegria)
/u/	uniku/ úniku (único)	aminqu (amigo)	urtolã (hortelã)	souđ (saúde)

Fonte: RODRIGUES, 2007, p. 151

tem ocorrido intervocalicamente no lugar de [s] como era de costume. A palatal /x/ em vez de [dʒ] está mais frequente nas ilhas em geral. No contexto de (ii), estão /t/ e /d/ retroflexas antes de [a, e, i, u] (cf. Lopes, 1984, p. 95) e as oclusivas aspiradas: *khoph* (copo) e *photh* (pote), que não foram mais registradas em Barlavento; alternâncias entre [k]~[g] em *kósga*~*gosga* (cócegas); [k] ~[tʃ] em *kentã*~*txentã* (esquentar); [s] ~ [r] em *losna*~*lorna* (losma), [g] ~ [ʒ] em *sangi* ~*sanji* (sangue); [l] ~[j] em *alkatron*~*aikatron* (alcatrão) [p] em [j] em *barbanti*~*baibanti* (cf. Macedo, 1979, p. 95-98; 121).

Deste ponto em diante, passa-se a descrever a realização de fonemas vocálicos nas ilhas de Santiago, Fogo, Santo Antão e São Vicente. Abaixo, no quadro 4, tem-se exemplos de vocábulos com os fonemas vocálicos:

As vogais geram grandes diferenças no Cabo-verdiano: sua presença ou ausência em determinada posição, sua tonicidade ou não podem determinar a forma do vocábulo de uma ilha a outra. Em todas as ilhas, é comum a ocorrência das vogais médias /E/ e /□/ em sílaba tônica de paroxítonas terminadas em /↔/ ou /a/. Para a média aberta /E/, há casos como *kabésa* (cabeça) e *manéra* (maneira). Para a média aberta /□/, *góta* (gota), *bóka* (boca) e *fórsa* (forsa). Em Sotavento, há casos esparsos da vogal média em vocábulos terminados em /u/ ou /r/, como em *sédu* (cedo), *ténpu* (tempo) e *sér* (verbo ser).

Entre as ilhas do Sul e as ilhas do Norte um traço distintivo marcante é a existência das vogais altas /i/ e /u/ no final de vocábulos somente em Sotavento. Enquanto que em Barlavento, nessa posição, é realizado um zero fonético, um *schwa*

(a média /↔/) ou um “e mudo”. E esse fato acarreta alguns dos processos diferenciais que se observam entre os dois grupos dialetais do Arquipélago.

Quando a palavra termina em /u/ em Santiago e Fogo, a sílaba tônica com /a/ é realizada como a vogal média aberta anterior /□/ em Santo Antão e São Vicente: piladu-pilód (pilado) e fatu-fót (roupa). Quando a palavra termina em /i/ em Santiago e Fogo, a sílaba tônica com /a/ é realizada como a vogal média aberta anterior /E/, em Santo Antão e São Vicente: *lakri -lékr* (lacre) e *vinagri- vinégr* (vinagre). Em paroxítonas de Sotavento terminadas por /↔/ ou /u/ com sílaba tônica /i/, a sílaba pre-tônica com [↔] é realizada com /e/: galinha-gelinha (galinha) e amigu-emig (amigo), em Santo Antão e São Vicente.

Em Santiago e Fogo, em paroxítonas terminadas em /i/, a média anterior tônica /ε/ realiza-se como /E/, como em *lébi* (leve), *alégri* (alegre). Em Santo Antão e São Vicente, ocorre a média fechada, como *lêv* (leve) e *alêgr* (alegre). Em paroxítonas terminadas em /u/, a vogal média anterior /e/ tônica realiza-se como a média aberta /E/, em Santiago e Fogo, como em *marélu* (amarelo), *xinélu* (chinelo). Em Santo Antão e São Vicente, o vogal realizada é a média fechada /e/, como em *xinêl* (chinelo) e *marêl* (amarelo). Em Sotavento, há casos esparsos e cristalizados: é= e até = te, só=so.

Em paroxítonas terminadas em /i/, em Santiago e Fogo, a média posterior tônica /o/ realiza-se como /□/, como em *bódi* (bode), *póbri* (pobre). Em Santo Antão e São Vicente, ocorre a média fechada /o/, como em *bôd* (bode), *pôbr* (pobre). Em Barlavento, esse fechamento é comum em monossílabos e oxítonas: *fê* (fé), *maré* (maré). Em Sotavento, ocorrem médias abertas. Em paroxítonas terminadas em /u/, a média /o/ tônica realiza-se como a média aberta /□/, em Santiago e Fogo, como em *katóliku* (católico). Em Barlavento, ocorre com a média fechada: *katôlk* (católico).

Para iniciar o assunto das vogais nasais no Cabo-Verdiano, citam-se opiniões de alguns autores. Lang (1999, p. 51) descreve oito vogais orais e cinco nasais no Cabo-verdiano, excetuando-se /E/ e /□/. Macedo (1971, p. 88-89) postula seis vogais orais [a, ↔, e, o, i, u] e seis contrapartes nasais, dado que os fonemas orais “passam por um processo de nasalização no ambiente de consoantes nasais”. Veiga (1996, p. 63) revela que “o comportamento das vogais nasais é praticamente o mesmo que o das vogais orais, por isso não tiveram tratamento à parte.”

Quadro 5 – Quadro dos Vocábulo com fonemas vocálicos das Ilhas de Santiago e Fogo

FON.	SANTIAGO	FOGO	SANTO ANTAO	SAO VICENTE
[an]	Santiagu (Santiago)	tanboru (tambor)	Santanton~Sintanton	Sanvisent~Sansent
[ɔn]	Ganga (folc.)	André (nome próprio)	bextent (bastante)	ranjá (arranjar)
[En]	lénbra (lembrar)	sesénta (sessenta)	éntx (também)	duénsa (doença)
[en]	dentu (dentro)	entxi (encher)	tenben~tenbe (antes)	sentód (sentado)
[on]	diresson (direção)	Son Sebaxtion	pon (pão)	konprá (comprar)
[ɔn]	kónta (conta)	skóntra (substância)	xfrikson (fricção)	brónk (branco)
[in]	intimu (íntimo)	linpá (limpar)	min (mim)	brinká (brincar)
[un]	djuntu (junto)	unta (untar)	kolun (coluna)	kunpanher

Fonte: RODRIGUES, 2007, p. 153

Em outro texto, porém, Veiga (1982, 1996, p. 79) declara que “toda vogal oral pode se nasalizar”, visto que “a nasalização não é uma marca vocálica, mas sim um condicionamento contextual de vogal + consoante nasal, ou seja, nasais são vogais orais + traço nasal (n).” Assim como Veiga (1996) e Couto e Souza (2006), acredita-se que as vogais nasais do Cabo-verdiano são nasais do ponto de vista fonético. Do fonológico, a elas se aplica a interpretação de Macedo (1979) de que  $\text{ɸ}^{\text{R}} = V + N$ , quando uma vogal “precede uma consoante nasal que é seguida por outra consoante” ou “é seguida por uma consoante nasal que está no limite de palavra”.

Abaixo, organizou-se o quadro 5 para trazer exemplos de vocábulos com as chamadas vogais nasais para Santiago, Fogo e Santo Antão e São Vicente:

Dulce Duarte (1961) reiterou o “desgaste da vogal nasal” no Cabo-verdiano que havia sido comentado por Lopes (1984[1957]). No contexto de vogal central baixa + N, por exemplo, esse fato parece ser corriqueiro como sinalizam esses vocábulos: djánta (janta) e matánsja (matança). Em paroxítonas terminadas na vogal central média /ɔ/, antes de m, n, nh, o /a/ tônico realiza-se totalmente aberto no Arquipélago: áma (ama), ántis (antes), banána (banana), máanha (manha). Veiga (1996, p. 45) cita *pánu* e *pón* (pano) para Sotavento e Barlavento, respectivamente. Quint-Abrial (2002, p. 105) cita *mai* (mãe) e *máma* (seio) para o Badio, variedade da ilha de Santiago.

Quanto ao [ã] final, em Santo Antão, a nasalidade foi conservada em certas formas e desapareceu em outras. No caso da vogal média fechada anterior tônica /e/ seguida por /m, n, ʃ/, em paroxítonas terminadas em / ɔ / ou /a/, em todas as ilhas, passou a ser aberta, como em *krénsa* (crença) e *lénha* (lenha). Quanto ao /o/ seguido

de nasal + vogal em sílaba final terminada em /a/, os exemplos *brigónha~vergónha* (vergonha), *afróna* (afrota) atestam a média aberta sem nasalidade nas ilhas.

E, por fim, em Santiago e Fogo, nas paroxítonas terminadas em /i/, seguidas de /m, n, ʃ/, ocorrem médias abertas sem nasalidade: *krémi* (creme), *sénpri* (sempre). Em Santo Antão e São Vicente, a média anterior é fechada e sem nasalidade: *krem* e *senpr*. Em Barlavento, nas paroxítonas terminadas por “e mudo” (ou zero fonético), as centrais /a, ɔ / tônicas palatalizaram-se em [e]: *barbent* (barbante) e *grend* (grande). E, nas paroxítonas terminadas em /u/ de Sotavento, as centrais /a, ɔ / tônicas velarizaram-se em [o]: *tántu* = *tónt* (tanto), *bránku* = e *brónk* (branco).

### Considerações Finais

Ao final deste artigo, considera-se importante pontuar que o processo socio-histórico pelo qual passaram as ilhas do arquipélago gerou sistemas linguísticos ricos e variáveis, nos quais fica evidenciada a força do fenômeno da variação linguística, especialmente no tocante ao aspecto mais perceptível de sua gramática, o fonético-fonológico. Por meio desse panorama conjunto da socio-história e da estrutura do CV, então, pode-se, em escala maior, aventar que enquanto variedades do sul apresentam traços mais antigos, os quais, como defendem autores como Lang (1999), soam mais aproximados de sua africana ancestralidade, variedades do norte, em especial a de São Vicente, como apontam Holm e Swolkien (2006), apresentam traços mais contemporâneos e próximos do luso superstrato. Todavia, tanto sul quanto norte externam o Cabo-Verdiano como uma *una e materna* realidade. E este estudo, pontua-se, por fim, colaborou para o registro e retrato contundente desse fato.

### REFERÊNCIAS

ALMADA, Maria Dulce de O. **Cabo Verde**; Contribuição para o Estudo do Dialecto Falado no seu Arquipélago. Estudos de Ciências Políticas e Sociais, no. 55. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1961.

- ANÓNIMO, Piloto. Notícia coreográfica e cronológica de Cabo Verde. In: CARREIRA, António. **Demografia Caboverdeana**; Subsídios para seu estudo (1807/1983). Instituto Caboverdeano do Livro, Lisboa, 1784 (edição de 1985).
- CARREIRA, António. **O Crioulo de Cabo Verde**; Surto e Expansão. 2ª. ed. Portugal: Gráfica Europeam, Mendes Martins, 1983.
- CARREIRA, António. **Migrações nas ilhas de Cabo Verde**. Universidade Nova de Lisboa, 1977.
- CARREIRA, António. **Cabo Verde**; Formação e Extinção de uma Sociedade Escravocrata (1460-1878). Memória, número 24. Centro de Estudos da Guiné Portuguesa, 1972.
- COUTO, Hildo Honório do. **O crioulo português da Guiné Bissau**. Hamburg: Buske, 1994.
- COUTO, Hildo Honório do & SOUZA, Ulisdete Rodrigues de. As Consoantes Pré-nasalizadas no Caboverdiano: por uma Interpretação Bifonemática. In: LANG, Jüergen et. Alii. 2006. **Cabo Verde**; Origens da Sociedade e seu Crioulo. GNV. Gunter Narr Verlag Tübingen, pp. 133-146, 2006.
- HOLM, John & SWOLKIEN, Dominika. A Expansão do Crioulo Cabo-Verdiano para São Vicente: Fatores Sócio-Históricos na Difusão. In: LANG, Jüergen et. Alii. **Cabo Verde**; Origens da Sociedade e seu Crioulo. GNV. Gunter Narr Verlag Tübingen, pp.199-220, 2006.
- LANG, Jüergen. O crioulo de Santiago (Cabo Verde): exotismo de aparência românica. In: **Actas do Workshops sobre Crioulos**, pp. 47-60, 1999.
- LOPES DA SILVA, Baltasar. **O dialecto Crioulo de Cabo Verde**. (Escritores dos Países de Língua Portuguesa I). Empresa Nacional- Casa da Moeda. Lisboa, 1984 (1ª. edição de 1957).
- MACEDO, Donald. A Linguistic approach to the Capeverdean Language. **Tese de Doutorado**. Boston University School of Education, 1979.
- QUINT-ABRIAL, Nicolas. **Langues Créoles, diachronie et procedes de reconstruction**. In: *Bulletin de La Société de Linguistique de Paris*. Tome XCVI, pp. 265-284, 2002.
- RODRIGUES, Ulisdete R. de S. **Fonologia do Caboverdiano: das variedades insulares à unidade nacional**. Tese de doutorado. Universidade de Brasília, 2007.
- VEIGA, Manuel da. **O crioulo de Cabo Verde**; introdução à gramática. 2a. ed. Instituto Caboverdeano do Livro e do Disco, Instituto Nacional de Cultura, 1996.

VEIGA, Manuel da. **Diskrison strutural di Lingua Kabuverdianu.** Institutu Kabuverdianu di Livru, 1982.